

Comportamento sexual dos acadêmicos de enfermagem

Sexual behavior of university nursing students

Maria Gabriela Costa Lima¹
Janine de Araujo Ferro²
Maria Gisele Costa Lima³
Hemily Azevedo de Araújo⁴
Antonio Werbert Silva da Costa⁵

RESUMO

Este estudo teve como objetivo descrever o comportamento sexual de estudantes universitários de Enfermagem. Estudo transversal realizado em dezembro de 2024 e incluiu todos os alunos com matrícula ativa e idade igual ou superior a 18 anos de uma universidade pública em Colinas-MA. Os dados foram obtidos por meio de um questionário eletrônico, que abordou aspectos sociodemográficos e comportamentos sexuais, com base em instrumento adaptado do Ministério da Saúde. Participaram 86 acadêmicos, majoritariamente jovens, solteiros, de baixa renda, católicos e heterossexuais. A maioria estava nos períodos iniciais ou finais do curso. Mais da metade declarou ser sexualmente ativa. Entre esses, muitos relataram múltiplos parceiros, uso inconsistente de preservativos, e relações sexuais sob efeito de álcool ou drogas. Embora parte conhecesse o estado sorológico de seus parceiros recentes, grande número não percebia seus comportamentos como arriscados. Os resultados revelam a presença de práticas sexuais de risco entre os estudantes, mesmo sendo da área da saúde, apontando para a percepção limitada sobre prevenção e vulnerabilidades. O estudo destaca a importância de estratégias educativas mais eficazes para promover a saúde sexual e prevenir infecções sexualmente transmissíveis, evidenciando o papel fundamental da Enfermagem nesse processo.

Palavras-chave: Sexo sem Proteção. Infecções Sexualmente Transmissíveis. Saúde Sexual e Reprodutiva.

¹ Enfermeira pela Universidade Estadual do Maranhão. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7810-0860> – E-mail: gabycosta6481@gmail.com

² Mestranda em Medicina Tropical pelo Instituto Osvaldo Cruz. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6226-3426> E-mail: janine.a.ferro@gmail.com

³ Enfermeira pela Unifacema. Pós-graduada em Enfermagem Obstétrica pela Faculdade CEUMA. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-2031-1575> E-mail: giselecostaa05@gmail.com

⁴ Mestre em Biodiversidade, Ambiente e Saúde pela Universidade Estadual do Maranhão. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6487-5848> E-mail: hemily.azevedo.ha@gmail.com

⁵ Enfermeiro, doutorando em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9724-5420> E-mail: werbert39@hotmail.com

ABSTRACT

This study aimed to describe the sexual behavior of undergraduate Nursing students. Conducted in December 2024, it included all students with active enrollment and aged 18 years or older at a public university in Colinas-MA, Brazil. Data were collected through an electronic questionnaire that addressed sociodemographic aspects and sexual behaviors, based on an instrument adapted from the Brazilian Ministry of Health. A total of 86 students participated, mostly young, single, low-income, Catholic, and heterosexual individuals. The majority were in the early or final stages of the program. More than half reported being sexually active. Among them, many reported having multiple partners, inconsistent condom use, and engaging in sexual activity under the influence of alcohol or drugs. Although some were aware of their recent partners' HIV status, a significant number did not perceive their behaviors as risky. The findings reveal the presence of risky sexual practices among students, despite their background in health sciences, highlighting a limited perception regarding prevention and vulnerability. The study underscores the importance of more effective educational strategies to promote sexual health and prevent sexually transmitted infections, emphasizing the crucial role of Nursing in this process.

Keywords: Unsafe Sex. Sexually Transmitted Diseases. Sexual Health.

1. INTRODUÇÃO

A sexualidade faz parte do ciclo humano de forma constante, sendo descrita como uma dimensão essencial e profundamente individual da vida humana. Engloba partilha, afeto, expressão e envolvimento, não se limitando ao ato sexual e à reprodução, sendo também inseparável da personalidade das pessoas (Castro, 2021). Embora faça parte do desenvolvimento humano desde a infância, as mudanças sexuais têm maior ênfase na adolescência — período compreendido entre os 10 e 19 anos — e representam uma transição entre a infância e a idade adulta, sendo caracterizado por profundas transformações biológicas, psicológicas e sociais, que contribuem para a construção da identidade e a integração de sentimentos e desejos (Brasil, 2023; Rios *et al.*, 2023).

Durante essa fase, é comum o início da exploração do sexo, muitas vezes sem o suporte adequado de uma educação sexual estruturada ou conhecimento suficiente sobre os aspectos biológicos da sexualidade e da reprodução. Essa lacuna pode expor adolescentes e jovens a comportamentos sexuais de risco (CSR), aumentando a vulnerabilidade a infecções sexualmente transmissíveis (IST) e à gestação não planejada (Monte; Rufino; Madeiro, 2024; Wakasa *et al.*, 2021).

Fatores sociais, como a presença de maus-tratos na infância, a renda, a entrada no mercado de trabalho, o acesso ao ensino superior, a experimentação de substâncias psicoativas e a exposição a conteúdo pornográfico, também influenciam as práticas sexuais dos jovens (Hirschmann; Martins; Gonçalves, 2021; Ahn; Yang, 2023). Essa conjuntura pode resultar em impactos significativos para a saúde física e mental, aumentando a ocorrência de IST, gravidez indesejada e exposição a diversas formas de violência (Brasil, 2022).

Os comportamentos de risco para IST incluem a não utilização de preservativos, a manutenção de múltiplos parceiros sexuais, o envolvimento em relações sob efeito de substâncias psicoativas e a ocorrência de relações não consensuais (Alexandre *et al.*, 2022; Araújo *et al.*, 2025). Por outro lado, o sexo seguro envolve o uso correto de métodos contraceptivos e de barreira, exames regulares para rastreamento de IST, vacinação preventiva e a adoção de medidas que garantam autonomia e segurança durante as relações (Mesele *et al.*, 2023).

Embora os acadêmicos de enfermagem sejam inseridos em um ambiente que prioriza a promoção da saúde, pesquisas apontam que esse grupo também está suscetível a comportamentos que comprometem sua saúde sexual e reprodutiva. Estudos mostram que, ao ingressarem na universidade, esses jovens frequentemente adotam práticas de risco, como múltiplos parceiros sexuais e a não utilização de preservativos. Isso reforça que influências sociais e culturais exercem forte impacto sobre os jovens, levando-os a CSR (Gräf; Mesenburg; Fassa, 2020; Scull *et al.*, 2020).

A Organização das Nações Unidas incluiu, em seus Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, assegurar o acesso universal aos serviços de saúde sexual e reprodutiva, incluindo o planejamento familiar, informação e educação, bem como a integração da saúde reprodutiva em estratégias e programas nacionais (Unicef, 2016). Diante disso, investigar os comportamentos sexuais, considerando as transformações vivenciadas nessa fase da vida, pode colaborar para o desenvolvimento de políticas e programas mais eficazes, voltados à promoção da saúde sexual. Esta pesquisa tem o objetivo de descrever o comportamento sexual de acadêmicos de enfermagem.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Estudo transversal realizado em dezembro de 2024 com acadêmicos do curso de Bacharelado em Enfermagem de uma universidade pública do interior do Maranhão, situada no município de Colinas, sobre o comportamento sexual de risco. A amostra foi por conveniência, abordando todos os acadêmicos com matrícula ativa no curso, no momento, 117.

Participaram 86 acadêmicos correspondendo a 73,5% da amostra, que atendiam aos critérios de inclusão: estar com matrícula ativa e possuir idade igual ou superior a 18 anos. Foram excluídos acadêmicos que não estavam frequentando regularmente a universidade ou que apresentavam patologias que impossibilitassem a participação no estudo.

Os acadêmicos foram convidados a participar do estudo por meio de uma abordagem nas salas de aula do prédio da universidade. Antes da coleta, houve a apresentação do pesquisador e uma explicação detalhada sobre todas as etapas da pesquisa e seus objetivos. Em seguida, foi direcionado aos alunos um link criado na plataforma *Google Forms*, com um questionário anônimo e autoexplicativo, contendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o instrumento de coleta de dados.

O instrumento aplicado estava dividido em duas seções e abordou, na primeira parte, variáveis sociodemográficas dos participantes, sendo elas: idade, cor/raça, estado civil, renda familiar, religião, orientação sexual, se possuem vida sexual ativa e o período do curso em que o aluno se encontra matriculado. Em seguida, na segunda seção, apenas os participantes com vida sexual ativa responderam a um questionário oriundo da Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População Brasileira relacionada ao HIV, desenvolvida pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2011) e adaptado para esta pesquisa. A adaptação abordou questões relacionadas às atitudes e práticas de risco para as ISTs.

Os dados coletados foram exportados para um banco eletrônico criado no software Microsoft Excel, versão 2013, e, em seguida, foi realizada uma análise descritiva dos dados usando o programa Jamovi, versão 2.0. Os resultados foram apresentados em valores absolutos e relativos.

A pesquisa atendeu aos aspectos éticos conforme as diretrizes estabelecidas nas Resoluções 466/12, de dezembro de 2012, e 510/16, de 7 de abril de 2016 (Brasil, 2012; Brasil, 2016), tendo sido submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Maranhão, o qual emitiu o parecer favorável de número 7.249.301, em 26/11/2024.

3. RESULTADOS

A pesquisa foi desenvolvida com 86 participantes, totalizando 73,5% da amostra. A idade média foi de 21,4 anos (desvio padrão $\pm 3,15$), conforme dados da tabela 1. A análise da distribuição por raça/cor revelou que metade dos respondentes se autodeclararam pardos. No que tange ao estado civil, a maior parte (82,6%) declarou-se solteiro. No que se refere à renda familiar, observou-se que (36%) dos participantes possuem renda equivalente a um salário mínimo, outros (36%) possuem renda de até dois salários mínimos.

Em relação às práticas religiosas, predominou-se católicos (54,7%), seguidos por evangélicos (20,9%). A orientação sexual mais frequentemente relatada foi heterossexual (82,6%), seguida por bissexuais (10,5%). No contexto acadêmico, (43%) dos participantes estavam matriculados no primeiro período do curso, e (31,4%) no nono período. Quanto à vida sexual, (60,5%) relataram serem sexualmente ativos, enquanto (39,5%) indicaram não estar ativos sexualmente.

Tabela 1. Características sociodemográficas dos participantes e início da vida sexual, Colinas-MA, Brasil, 2025.

Variáveis	n	%	Média (Desvio padrão)
Idade			21,4 (3,15)
Raça/cor			
Pardo	43	50%	
Branco	27	31,4%	
Preto	14	16,3%	
Amarelo	2	2,3%	
Estado civil			
Solteiro (a)	71	82,6%	
Casado (o)	4	4,7%	
União Estável	5	5,8%	
Divorciado	1	1,2%	
Outros	5	5,8%	
Renda familiar			
Menor que 1 salário mínimo	11	12,8%	
1 salário mínimo	31	36%	
Até 2 salários mínimos	31	36%	
Acima de 2 salários mínimos	13	15,1%	
Religião			
Catolicismo	47	54,7%	
Evangélico	18	20,9%	
Espírita	3	3,5%	
Não Frequenta	12	14%	
Nenhuma	4	4,7%	
Outra	2	2,3%	
Orientação sexual			
Heterossexual	71	82,6%	
Bissexual	9	10,5%	
Homossexual	5	5,8%	
Outra	1	1,2%	
Período do curso			
Primeiro	37	43%	
Terceiro	21	24,4%	
Sétimo	1	1,2%	
Nono	27	31,4%	
Vida sexual ativa			
Sim	52	60,5%	
Não	34	39,5%	
Total	86	100%	

Legenda: n: Frequência absoluta; %: Frequência relativa

Fonte: Pesquisa própria

A tabela 2 descreve a segunda etapa desta pesquisa, a qual participaram 52 alunos, e os dados foram coletados utilizando o Questionário Adaptado da Pesquisa de conhecimento, atitudes e práticas na população brasileira sobre o HIV, abordando diversos aspectos do comportamento sexual.

Em relação ao início da vida sexual, (48,1%) dos participantes relataram ter usado preservativo na primeira relação sexual, enquanto a mesma proporção (48,1%) afirmou não ter utilizado. Quanto ao número de parceiros sexuais ao longo da vida, 67,3% informaram ter tido mais de um, e (32,7%) apenas um parceiro. Todos os participantes (100%) afirmaram ter tido relações sexuais nos últimos 12 meses. Considerando a última relação sexual, apenas metade (50%) relatou uso de preservativo.

No que se refere ao tipo de parceiro, (82,7%) afirmaram ter tido relações com parceiros fixos nos últimos 12 meses. Dentre esses, (51,9%) usaram camisinha nas relações sexuais com os parceiros fixos, (38,5%) não usaram. Apenas (15,4%) declararam ter usado preservativo em todas as relações com parceiros fixos, ao passo que (76,9%) não o fizeram sempre. Sobre parceiros casuais, (42,3%) afirmaram ter se relacionado com esse tipo de parceiro no último ano, enquanto (55,8%) disseram que não. Apenas (19,2%) relataram ter tido mais de cinco parceiros casuais nesse período.

Nas relações com parceiros casuais, (46,2%) referiram o uso de preservativo, (30,8%) não utilizaram e (23,1%) optaram por não responder. Entretanto, apenas (28,8%) afirmaram que o preservativo foi utilizado em todas as relações com parceiros casuais, enquanto (50%) indicaram que o uso não foi constante. Quanto à última relação sexual com parceiro casual, (46,2%) usaram preservativo, (32,7%) não usaram e (21,2%) não quiseram responder.

Além disso, 30,8% dos participantes relataram já ter tido relações sexuais com pessoas conhecidas pela internet. A maioria (90,4%) concorda que o uso de álcool ou drogas pode levar à prática sexual sem camisinha. De fato, (44,2%) afirmaram já ter tido relações sexuais sem preservativo após o consumo de álcool ou drogas.

Em relação ao conhecimento sobre o estado sorológico dos parceiros(as) com quem tiveram relação no último mês, 55,8% declararam conhecer esse estado, enquanto (44,2%) não sabiam. Por fim, (38,5%) consideraram que seu comportamento sexual pode representar risco para a saúde, ao passo que (61,5%) não percebem seus comportamentos como arriscados.

Tabela 2. Comportamentos sexuais de dos participantes. Colinas-MA, Brasil, 2025.

Variáveis	n	%
1 Você usou camisinha na sua primeira relação sexual?		
Sim	25	48,1%

Não	25	48,1%
Não sei/não quero responder	2	3,8%
2 Você já teve mais do que um parceiro sexual em toda sua vida?		
Sim	35	67,3%
Não	17	32,7%
Não sei/não quero responder	0	0%
3 Você teve relações sexuais nos últimos 12 meses?		
Sim	52	100%
Não	0	0%
Não sei/não quero responder	0	%
4 Pensando na sua última relação sexual, vocês usaram camisinha?		
Sim	26	50%
Não	26	50%
Não sei/não quero responder	0	0
5 Você teve relação sexual com parceiros (as) fixos (as), ou seja, namorado (a), noiva, esposa, companheiro (a), etc., nos últimos 12 meses?		
Sim	43	82,7%
Não	8	15,4%
Não sei/não quero responder	1	1,9%
6 Nas relações sexuais que você teve com esses(as) parceiros(as) fixos(as) nos últimos 12 meses, vocês usaram camisinha?		
Sim	27	51,9%
Não	20	38,5%
Não sei/não quero responder	5	9,6%
7 Vocês usaram camisinha em todas as vezes?		
Sim	8	15,4%
Não	40	76,9%
Não sei/não quero responder	4	7,7%
8 Você teve relação sexual com parceiros(as) casuais, ou seja, paqueras, “ficantes”, rolos, etc., nos últimos 12 meses?		
Sim	22	42,3%
Não	29	55,8%
Não sei/não quero responder	1	1,9%
9 Você teve mais do que cinco parceiros sexuais casuais nos últimos 12 meses?		
Sim	10	19,2%
Não	42	80,8%
Não sei/não quero responder	0	0%
10 Nas relações sexuais que você teve com esses(as) parceiros(as) casuais(as) nos últimos 12 meses, vocês usaram camisinha?		
Sim	24	46,2%
Não	16	30,8%
Não sei/não quero responder	12	23,1%
11 Usaram camisinha em todas as vezes?		
Sim	15	28,8%
Não	26	50%
Não sei/não quero responder	11	21,2
12 Pensando somente na última relação sexual com parceiro(a) casual, nos últimos 12 meses, você usou camisinha?		
Sim	24	46,2%
Não	17	32,7%
Não sei/não quero responder	11	21,2%
13 Você já teve relações sexuais com pessoas que conheceu pela internet?		
Sim	16	30,8%
Não	36	69,2%
Não sei/não quero responder	0	0%

14 Você concorda com a seguinte afirmação: “o uso de álcool ou drogas pode fazer com que as pessoas transsem sem usar camisinha”?

Sim	47	90,4%
Não	5	9,6%
Não sei/não quero responder	0	0%

15 Transar sem camisinha após o consumo de álcool ou drogas já aconteceu com você?

Sim	23	44,2%
Não	29	55,8%
Não sei/não quero responder	0	0%

16 Você conhece o estado sorológico das pessoas com quem transou no último mês?

Sim	29	55,8%
Não	23	44,2%
Não sei/não quero responder	0	0%

17 Você considera que seu comportamento sexual possa trazer riscos para a sua saúde?

Sim	20	38,5%
Não	32	61,5%
Não sei/não quero responder	0	0%

Total	52	100%
-------	----	------

Legenda: n: Frequência absoluta; %: Frequência relativa.

Fonte: Pesquisa própria.

4. DISCUSSÃO

A análise dos dados obtidos nesta pesquisa oferece uma compreensão dos comportamentos sexuais de jovens adultos universitários da instituição, destacando aspectos que merecem atenção no contexto da saúde pública. Os 86 participantes possuíam idade média de 21,4 anos. A maioria se autodeclarou parda, solteira, com renda familiar equivalente a um salário mínimo, católica, heterossexual e matriculada no nono período. No entanto, apenas uma parte desses participantes afirmou ter uma vida sexualmente ativa. Os achados desta pesquisa estão alinhados com outras investigações, que também destacam características semelhantes no que se refere ao ambiente universitário (Alvarenga; Soares, 2020; Spindola *et al.*, 2020).

Em relação ao uso de preservativo na primeira relação sexual, foi notado que a maior parte relatou não ter feito uso. Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde (2019), grande parte da população pesquisada não utilizou preservativo na primeira relação sexual (Brasil, 2019) e em outra pesquisa, um terço relatou a primeira atividade sexual desprotegida (Vieira *et al.*, 2021). Esses dados são preocupantes, pois a não utilização de preservativos nesse momento pode estar associada a um padrão de comportamento sexual de risco ao longo da vida.

Quanto ao número de parceiros ao longo da vida, uma grande proporção referenciou múltiplos parceiros e últimos 12 meses, todos os participantes informaram ter mantido relações sexuais. A multiplicidade de parceiros sexuais está diretamente associada ao aumento do risco de infecção por HIV (Gräf; Mesenburg; Fassa, 2020). Quanto maior o número de parceiros, maior a probabilidade de exposição ao vírus ou a alguma IST, uma vez que cada novo parceiro representa uma oportunidade adicional de contágio (Pathemendra *et al.*, 2023; Power *et al.*, 2024).

Na última relação sexual, o uso do preservativo foi reportado de forma equilibrada, com metade dos participantes indicando seu uso e a outra metade afirmando não ter utilizado. Essa adesão parcial pode estar relacionada a diversas barreiras, como crenças equivocadas, atitudes negativas, falta de apoio social, baixa confiança para utilizá-lo e planejamento inadequado (Elshiekh, Hoving, Vries, 2020). Diante dessas barreiras, estratégias eficazes incluem a correção de mitos, o fortalecimento do apoio social e o acesso facilitado aos preservativos (Pilecco *et al.*, 2025).

O uso de contraceptivos em relação sexual com parceiros fixos é considerado um tabu entre os jovens, os levando a crer na confiança de que não irão adquirir IST por ter relação somente com uma pessoa, o que evidencia metade dos participantes não usarem proteção. A confiança nos parceiros é frequentemente vista como um indicador de risco, pois muitos deixam de usar preservativos acreditando que o parceiro não faz uso de drogas injetáveis ou não tem outros relacionamentos, o que pode gerar uma falsa sensação de segurança e contribuir para a redução da percepção de vulnerabilidade às ISTs (O'Connor *et al.*, 2022; Guariglia *et al.*, 2024).

A prática de sexo casual tem se tornado comum nos ambientes universitários (Gonzalez, Molina, 2019; Gomes *et al.*, 2021). Porém, neste estudo apenas uma pequena parte relatou relações casuais nos últimos 12 meses. A ausência de exclusividade nessas relações aumenta a exposição a riscos como ISTs e gravidez não planejada. A confiança depositada em parceiros ocasionais pode levar à subestimação dos perigos, reduzindo a adoção de métodos preventivos (Soster; Souza; Castro, 2021).

Em relação ao uso de preservativos, metade afirmou não utilizá-lo em todas as ocasiões. Especificamente na última relação sexual casual dos últimos 12 meses, aproximadamente metade declarou ter feito uso do preservativo. A pesquisa de Soster,

Souza e Castro (2021) indica que o sexo casual está associado a impactos negativos na saúde, especialmente para as mulheres, além de contribuir para a diminuição da percepção de risco. Hentges *et al.* (2023) relatam a baixa consistência no uso do preservativo entre homens que fazem sexo com homens em relações casuais.

Esta pesquisa revelou que a tecnologia tem impactado significativamente o comportamento sexual dos jovens universitários, evidenciado pelo fato de que uma parte significativa dos participantes relatou já ter feito sexo com alguém conhecido online. Alguns estudos evidenciam que o uso de aplicativos ou mídias de encontros está associado a múltiplos parceiros sexuais e práticas de risco (Li; Liu; Zheng, 2023; Tavares *et al.* 2022; Staton *et al.*, 2022; Sousa; Nunes; Gomes, 2023). Além disso, a baixa frequência de testagem para ISTs e o acesso limitado a informações sobre sexo seguro foram fatores que contribuíram para a exposição dos indivíduos. Esse contexto pode envolver riscos adicionais, não somente a infecções, mas também a diversos tipos de violência (Abdo; Fleury, 2024).

A maior parte reconhece que o consumo de substâncias pode levar à negligência no uso do preservativo, configurando um fator de risco significativo. Nesse contexto, os estudos realizados por Assunção e colaboradores (2022) e Lukaszek (2022) mostraram que pessoas com consumo abusivo de álcool e outras drogas tendem a usar essas substâncias antes das relações sexuais, além de apresentarem maior número de parceiros, pagamento por sexo e prática de sexo anal sem preservativo. Evidencia-se, assim, que o consumo dessas substâncias está diretamente relacionado a práticas sexuais de risco (Kolp *et al.*, 2024).

Mais da metade dos participantes relata saber a condição sorológica do parceiro. Estar informado sobre a condição sorológica do parceiro sexual é essencial para a prevenção e o controle de ISTs, como HIV e sífilis (Santana *et al.*, 2021). O estudo de Rios *et al.* (2023) relata a predominância da não utilização de preservativo tanto nas práticas de sexo oral quanto anal, considerando exclusivamente a suposição de que os parceiros são negativos para o HIV. No entanto, a dependência de suposições pode criar uma falsa sensação de segurança, expondo os envolvidos ao risco de contaminação.

Embora uma parte dos jovens universitários reconheça que seus comportamentos podem representar riscos à saúde, a maioria não percebe essa ameaça. Essa percepção

deficiente sobre a vulnerabilidade às ISTs leva muitos a adotarem comportamentos de risco em seus relacionamentos, incluindo a falta de consistência no uso do preservativo (Holzmann *et al.*, 2024). Além disso, há uma visão de que a vida sexual deve ser aproveitada conforme as oportunidades surgem, sem grandes preocupações com a prevenção. Esse cenário é fortemente influenciado pelo contexto cultural e social, que molda diferentes concepções sobre a sexualidade entre homens e mulheres (Spindola *et al.*, 2020; Torres *et al.*, 2024).

Este estudo apresenta algumas limitações. A pesquisa foi realizada com apenas um grupo de estudantes, o que restringe a possibilidade de generalizar os resultados para outros contextos. Além disso, os dados foram coletados em uma única instituição, o que pode não refletir a realidade de outras regiões ou perfis acadêmicos. Por fim, por se tratar de uma pesquisa de abordagem quantitativa, aspectos subjetivos e percepções individuais dos participantes podem não ter sido plenamente captados.

Apesar das limitações, este estudo traz contribuições significativas para a promoção da saúde de jovens universitários. Os resultados obtidos podem subsidiar ações educativas mais eficazes, voltadas à promoção da saúde sexual e à conscientização de populações vulneráveis. Além disso, o estudo reforça a importância do papel do enfermeiro como agente de educação em saúde, capaz de atuar de forma preventiva e acolhedora, promovendo o diálogo aberto, o uso de preservativos e o acesso a serviços de testagem e tratamento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados revelou que uma grande parte dos participantes que possuem vida sexual ativa persistem em práticas que aumentam a vulnerabilidade às ISTs, como o uso inconsistente de preservativos, a multiplicidade de parceiros sexuais, as relações sob efeito de substâncias psicoativas e a confiança excessiva em parceiros fixos e casuais. Essas condutas evidenciam uma percepção limitada dos riscos, mesmo quando alguns reconhecem a possibilidade de exposição às infecções.

O perfil sociodemográfico da amostra é composto, majoritariamente, por indivíduos jovens, pardos, solteiros, de baixa renda, heterossexuais e que se encontram nos períodos finais da graduação, representando um segmento específico da população universitária.

Esses dados ajudam a contextualizar os comportamentos sexuais observados, sugerindo vulnerabilidades relacionadas a fatores socioeconômicos e culturais.

Ao longo da pesquisa, observou-se a presença de comportamentos sexuais de risco, evidenciada pela prática de relações sexuais desprotegidas, pela baixa frequência de testagem para ISTs e pela influência de substâncias psicoativas nas práticas sexuais.

Esses achados reforçam a necessidade de estratégias de educação em saúde mais eficazes, voltadas a esse público, além de destacarem a importância do papel da Enfermagem como agente transformador na promoção da saúde sexual, na prevenção de riscos e no estímulo ao uso consciente e consistente do preservativo.

REFERÊNCIAS

ABDO, Carmita Helena Najjar; FLEURY, Heloisa Junqueira. A influência das mídias sociais nos relacionamentos sexuais dos jovens. **Diagnóstico e Tratamento**, v. 29, n. 2, p. 51-54, 2024.

AHN, Junhee; YANG, Youngran. Relationship between self-esteem and risky sexual behavior among adolescents and young adults: A systematic review. **American Journal of Sexuality Education**, v. 18, n. 3, p. 484-503, 2023.

ALEXANDRE, Carine Pacheco *et al.* Sexo oral: conhecimentos sobre a prática e a prevenção de IST entre jovens universitários. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 33, p. 1058-1058, 2022.

ALVARENGA, Rodrigo; SOARES, Gabrielle Martignago. Educação em direitos humanos, drogas e redução de danos. **Revista de Estudos Universitários-REU**, v. 46, n. 2, p. 425-446, 2020.

ARAÚJO, Wallacy Jhon Silva *et al.* Conhecimentos de adolescentes masculinos sobre sexo seguro à luz dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 78, p. e20240422, 2025.

ASSUNÇÃO, Izabely Lima *et al.* Uso de drogas e o aumento das infecções sexualmente transmissíveis: uma revisão sistemática: Drug use and the increase in sexually transmitted infections: a systematic review. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 9, p. 60922-60941, 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Comportamento de risco eleva infecções sexualmente transmissíveis no Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2020/fevereiro/comportamento-de-risco-eleva-infeccoes-sexualmente-transmissiveis-no-brasil>.

BRASIL. Ministério da Saúde. **IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/i/ist>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.** Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/atos-normativos/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Pesquisa de conhecimento, atitudes e práticas na população brasileira.** Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis.** Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>.

BRASIL. **Pesquisa Nacional de Saúde 2019: acidentes, violências, doenças transmissíveis, atividade sexual, características do trabalho e apoio social.** Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9169-pesquisa-nacional-de-saude-2019.html>

CASTRO, Rita. Que significados tem a sexualidade? Um estudo qualitativo. **New Trends in Qualitative Research**, v. 8, p. 676-687, 2021.

ELSHIEKH, Husameddin Farouk; HOVING, Ciska; DE VRIES, Hein. Exploring determinants of condom use among university students in Sudan. **Archives of sexual behavior**, v. 49, n. 4, p. 1379-1391, 2020.

GOMES, Nayara Lopes; LOPES, Claudia de Souza. Panorama dos comportamentos sexuais de risco na população adulta brasileira-PNS 2019. **Revista de Saúde Pública**, v. 56, p. 61, 2022.

GONZALEZ, Electra; MOLINA, Temistocles. Inicio sexual en contexto de sexo casual y su asociación a comportamientos de riesgo en salud sexual y reproductiva en adolescents. **Revista chilena de obstetricia y ginecología**, v. 84, n. 1, p. 7-17, 2019.

GRÄF, Débora Dalmas; MESENBURG, Marilia Arndt; FASSA, Anaclaudia Gastal. Risky sexual behavior and associated factors in undergraduate students in a city in Southern Brazil. **Revista de Saúde Pública**, v. 54, p. 41, 2020.

GUARIGLIA, Débora Alves *et al.* O uso de preservativo em universitários (as) brasileiros (as): um estudo transversal com abordagem de sistemas complexos. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 35, p. 1161-1161, 2024.

HENTGES, Bruna *et al.* Uso inconsistente do preservativo com parceiros casuais entre homens que fazem sexo com homens no Brasil: um estudo transversal. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 26, p. e230019, 2023.

HIRSCHMANN, Roberta; MARTINS, Rafaela Costa; GONÇALVES, Helen. Maus-tratos infantis e comportamentos sexuais de risco na idade adulta: uma revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 5057-5068, 2021.

HOLZMANN, Ana Paula Ferreira *et al.* Percepção de risco e comportamento de estudantes universitários relacionados às infecções sexualmente transmissíveis. **Enferm. foco (Brasília)**, p. 1-6, 2024.

KOLP, Haley *et al.* Simultaneous alcohol and cannabis use and high-risk sexual behaviors. **Cannabis**, v. 7, n. 2, p. 1, 2024.

LI, Miaomiao; LIU, Yue; ZHENG, Lijun. Sexually explicit internet media consumption and sexual risk behaviors among Chinese male sexual minorities: The moderating role of perceived realism. **Health Communication**, v. 38, n. 10, p. 2080-2086, 2023.

ŁUKASZEK, Maria. Padrões de experiências sexuais de risco em estudantes universitários e suas características. **Revista internacional de pesquisa ambiental e saúde pública**, v. 19, n. 21, p. 14239, 2022.

MESELE, J. *et al.* Nível e determinantes de conhecimento, atitude e prática de comportamento sexual de risco entre adolescentes em Harar, Etiópia. **SAGE Open Medicine**, 2023.

MONTE, Layanne Lima; RUFINO, Andréa Cronemberger; MADEIRO, Alberto. Prevalência e fatores associados ao comportamento sexual de risco de adolescentes escolares brasileiros. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, p. e03342023, 2024.

O'CONNOR, Suji Yoo *et al.* Association between sociodemographic factors and condom use among migrant sex workers in Chiang Mai, Northern Thailand. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 16, p. 9830, 2022.

PATHEMENDRA, S.; *et al.* Patterns and drivers of evapotranspiration in South American wetlands. **Nature Communications**, v. 14, p. 6656, 2023. DOI: [10.1038/s41467-023-40233-2](https://doi.org/10.1038/s41467-023-40233-2).

PILECCO, Flávia Bulegon *et al.* Uso de preservativo e relato de diagnóstico de IST em homens cisgênero, segundo orientação sexual: uma análise a partir da Pesquisa Nacional de Saúde de 2019. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 30, n. suppl 1, p. e09752023, 2025.

POWER, Jennifer *et al.* Acceptance and use of condoms among school-aged young people in Australia. **Sexual Health**, v. 21, n. 2, 2024.

RIOS, Luís Felipe *et al.* 'Couro no couro': homens com práticas homossexuais e prevenção do HIV na Região Metropolitana do Recife. **Saúde em Debate**, v. 46, p. 85-102, 2023.

SANTANA, Natália de Carvalho Scharf *et al.* Prevalence and associated predictors of HIV and syphilis among women, south of Brazil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 13, p. e134101320989-e134101320989, 2021.

SCULL, Tracy M. *et al.* The understudied half of undergraduates: Risky sexual behaviors among community college students. **Journal of American college health**, v. 68, n. 3, p. 302-312, 2020.

SOUSA, Kennedy Stênio da Paz; NUNES, Jomar Diogo Costa; GOMES, Marianne César. Consumo de álcool em universitário e sua associação com o comportamento sexual de risco: uma revisão sistemática. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 27, n. 5, p. 3058-3071, 2023.

SOSTER, Andresa Pinho; SOUZA, Miguel Luis Alves de; CASTRO, Elisa Kern de. Percepção de risco e comportamentos de saúde em relação ao sexo casual em universitárias. **Psico-USF**, v. 26, n. 1, p. 117-128, 2021.

SPINDOLA, Thelma *et al.* Não vai acontecer: percepção de universitários sobre práticas sexuais e vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis. **Rev. Enferm. UERJ (Online)**, p. e49912-e49912, 2020.

STATON, Michele *et al.* An exploratory examination of social media use and risky sexual practices: A profile of women in rural Appalachia who use drugs. **AIDS and Behavior**, v. 26, n. 8, p. 2548-2558, 2022.

TAVARES, Maycon Klerystton Bezerra *et al.* Educação sexual e vulnerabilidade de usuários de aplicativos, comparações a partir da orientação sexual. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 35, p. eAPE01397, 2022.

TORRES, Alejandra Pérez *et al.* Influencia de la Dinámica Familiar en la Salud Sexual de Estudiantes Universitarios. **Estudios y Perspectivas Revista Científica y Académica**, v. 4, n. 4, p. 1758-1767, 2024.

UNICEF. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil – PARTE 3. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/822965481/Objetivos-de-Desenvolvimento-Sustentavel-no-Brasil-PARTE-3>.

VIEIRA, Kleber José *et al.* Início da atividade sexual e sexo protegido em adolescentes. **Escola Anna Nery**, v. 25, n. 3, p. e20200066, 2021.

WAKASA, Buzayehu Fekadu *et al.* Comportamento sexual de risco e fatores associados entre estudantes do ensino secundário com experiência sexual em Guduru, Etiópia. **Relatórios de medicina preventiva**, v. 23, p. 101398, 2021.